

Educação física no contexto da pessoa com paralisia cerebral: perfil dos professores de bocha paralímpica

Physical education in the context of the person with cerebral palsy: profile of boccia teachers

Educación física en el contexto de la persona con parálisis cerebral: perfil de docentes de las boccias paralímpicos

Recebido: 08/05/2020 | Revisado: 09/05/2020 | Aceito: 12/05/2020 | Publicado: 20/05/2020

Matheus Jancy Bezerra Dantas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4743-0510>

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Brasil

E-mail: matheusjancy@gmail.com

Tháísa Lucas Filgueira Souza Dantas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9976-3205>

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Brasil

E-mail: thaisasdantas@gmail.com

José Irineu Gorla

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2099-9643>

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Brasil

E-mail: gorla@unicamp.com

Resumo

O objetivo do estudo foi analisar o perfil dos professores de educação física que trabalham com a bocha paralímpica. As informações dos 69 professores foram alcançadas por meio de questionário do *Google Forms* que continha dez questões fechadas. A participação dos indivíduos no estudo foi de caráter voluntário, sem fins lucrativos e após serem explicados os objetivos e procedimentos da pesquisa, quando concordavam na participação respondiam o questionário. Os resultados revelaram que 60,9% dos professores são do sexo masculino, 36,3% tem mais de 40 anos de idade, 52,2% tem mais de dez anos de formação, 42% tem a graduação como formação acadêmica, 42% tem entre 01 e 05 anos de experiência com a modalidade, 33,4% tem frequência de treino de até três horas semanais com os atletas, 40,6%

desempenham trabalho voluntário, 62,3% tem pouco domínio sobre os processos de classificação esportiva, 60,9% tem bom domínio das regras da modalidade e 50,8% não realizam avaliações com seus atletas. Assim, existe a necessidade de investir na formação continuada desses professores parece desenhar um perfil de técnicos melhores capacitados por todas as regiões do país. Esse processo passa também por um maior processo de profissionalização dos técnicos com maiores conhecimentos sobre classificação esportiva, regras e avaliação, além de uma maior quantidade de hora/treino balizada em conhecimentos científicos.

Palavras-chave: Educação física; Atletas; Prática pedagógica.

Abstract

The aim of the study was to analyze the profile of physical education teachers who work with the boccia. The 69 teachers' information was obtained through a Google Forms questionnaire and contained ten closed questions. The participation of individuals in the study was voluntary, non-profit and after explaining the objectives and procedures of the research, when they agreed to participate, they answered the questionnaire. The results revealed that 60.9% of the teachers are male, 36.3% are over 40 years old, 52.2% have more than ten years of training, 42% have an undergraduate degree, 42% has between 01 and 05 years of experience with the sport, 33.4% has training frequency of up to three hours a week with athletes, 40.6% perform voluntary work, 62.3% have little command over the sports classification processes, 60.9% have a good command of the rules of the sport and 50.8% do not carry out evaluations with their athletes. Thus, there is a need to invest in the continuing education of these teachers, it seems to draw a profile of better trained technicians across all regions of the country. This process also involves a greater process of professionalization of technicians with greater knowledge about sports classification, rules and evaluation, in addition to a greater amount of hour / training based on scientific knowledge.

Keywords: Physical education; Athlete; Pedagogical practice.

Resumen

El objetivo del estudio fue analizar el perfil de los maestros de educación física que trabajan con las boccias paralímpicos. La información de los 69 maestros se obtuvo a través de un cuestionario de Formularios de Google y contenía diez preguntas cerradas. La participación de los individuos en el estudio fue voluntaria, sin fines de lucro y después de explicar los objetivos y procedimientos de la investigación, cuando aceptaron participar, respondieron el cuestionario. Los resultados revelaron que el 60.9% de los maestros son hombres, el 36.3% tiene más de 40 años, el 52.2% tiene más de diez años de capacitación, el 42% tiene un título universitario, el 42% tiene entre 01 y 05 años de

experiencia con el deporte, 33.4% tiene una frecuencia de entrenamiento de hasta tres horas a la semana con atletas, 40.6% realiza trabajo voluntario, 62.3% tiene poco dominio sobre los procesos de clasificación deportiva, El 60.9% tiene un buen dominio de las reglas del deporte y el 50.8% no realiza evaluaciones con sus atletas. Por lo tanto, es necesario invertir en la educación continua de estos docentes, parece dibujar un perfil de técnicos mejor capacitados en todas las regiones del país. Este proceso también implica un mayor proceso de profesionalización de técnicos con mayor conocimiento de clasificación deportiva, reglas y evaluación, además de una mayor cantidad de horas / entrenamiento basado en el conocimiento científico.

Palabras clave: Educación física; Atletas; Práctica pedagógica.

1. Introdução

A bocha paralímpica ainda é pouco conhecida da maioria dos brasileiros, apesar da hegemonia de nossos atletas com os excelentes resultados conquistados (Dantas, 2019) nos diversos eventos internacionais. No entanto, o número de professores envolvidos com a modalidade ainda é bastante pequeno. Após os Jogos de Paralímpicos de Beijing 2008, onde o Brasil obteve resultados expressivos e muitos clubes e associações que trabalham com o esporte para a pessoa com deficiência começaram a desenvolver a modalidade. Atualmente, em todas as regiões do país temos atletas treinando a bocha paralímpica, estando mais presente na região Sudeste e Nordeste e em crescimento na região Norte.

O esporte é um dos maiores fenômenos da era moderna e o esporte adaptado vem ganhando um grande espaço dentro desta manifestação. Para Silva, Marques, Pena, Molchansky, Borges, Campos & Gorla (2013), o esporte para a pessoa com deficiência desperta grande atenção devido a inúmeras características típicas: possibilidade de ascensão social, oportunidade de prática em condições de igualdade, melhorias da aptidão física, e condições de saúde entre outras.

Atrelado a esses elementos se percebe a utilização do esporte como processo de reabilitação, da inclusão social (Dantas, 2019), da busca pela saúde e da participação em eventos de representação como campeonatos nacionais, jogos mundiais e paralímpicos nas diversas modalidades oferecidas a pessoa com deficiência.

Nesse cenário, o profissional de educação física vem ganhando espaço cada vez mais importante nesse processo de desenvolvimento do esporte. Para Marin, da Silva Souza, Ribeiro & Baptaglin, (2010), mapear o perfil dos professores, buscando entender as necessidades e as dificuldades encontradas na prática, pode refletir nas ações adotadas para a

realização de sua atividade profissional. Assim, o perfil desse técnico pode interferir na periodização de treinos, nas avaliações realizadas com os atletas e na forma que as equipes são organizadas para participarem dos eventos esportivos.

Com o objetivo de voltar o olhar para esse contexto, buscamos analisar o perfil dos professores de educação física que trabalham com a bocha paralímpica nas cinco regiões do país e que participam de campeonatos oficiais da Associação Nacional de Desporto para o Deficiente - ANDE ou do Comitê Paralímpico Brasileiro em nível estadual, nacional e/ou internacional.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório de amostra por conveniência como preconiza Pereira et al. (2018) e, que foi realizado para análise descritiva qualitativa dos técnicos de bocha paralímpica das cinco regiões do Brasil. A amostra foi de 74 professores, de ambos os sexos. No entanto, só foram analisados os dados de 69 professores porque os demais não atenderam aos critérios de inclusão para participarem da pesquisa. Para coleta de dados foi utilizado questionário elaborado pelos pesquisadores e disponibilizado por meio do *Google Forms* contendo dez questões fechadas.

A participação dos indivíduos no estudo foi de caráter voluntário, sem fins lucrativos e após serem explicados os objetivos e procedimentos da pesquisa, quando concordavam na participação respondiam o questionário.

Como critérios de inclusão para participação na pesquisa definiu que os indivíduos deveriam ser formados em educação física, trabalharem com a bocha paralímpica e já tivessem participado de uma competição oficial da ANDE ou do Comitê Paralímpico Brasileiro em nível estadual, nacional e/ou internacional.

Os procedimentos de coleta de dados ocorreram da seguinte maneira: Foi enviado via *whatsapp* para o grupo de coordenadores de regiões da ANDE a solicitação que encaminhassem aos técnicos de suas regiões o link do questionário do *Google Forms* e um texto explicando os objetivos e procedimentos da pesquisa onde era informada a afiliação institucional, contato de e-mail e de telefone dos pesquisadores. Também foi encaminhado ao grupo de *whatsapp* dos técnicos da modalidade no país o questionário e o texto explicativo.

Foram coletados, dados referentes ao gênero, faixa etária, região do país, nível de escolaridade, tempo de formação, tempo de trabalho com a modalidade, tempo de treino

semanal, nível de conhecimento sobre a classificação esportiva, regras, avaliação e caracterização do tipo de trabalho desenvolvido nos clubes e associações.

3. Análise e Discussão

Perfil dos professores de bocha paraolímpica

Dos 69 professores pesquisados de educação física que atuam como técnicos de bocha paralímpica no Brasil 42 são professores e 27 são professoras.

O estudo aponta na Tabela 1 que 60,9% dos técnicos que estão no comando esportivo são homens.

Tabela 1. Distribuição por gênero.

Masculino	Feminino
60,9%	39,1%

Fonte: Autores.

Para Ferreira, Salles, Mourão & Moreno (2013), os homens também são maiorias nas esferas administrativas dos clubes e das tomadas de decisão.

Para Figueiredo (2014), o esporte é sempre apresentado como democrático e democratizador. Contudo, teve sua origem criada e foi construído ao longo dos tempos como masculino gerando um processo de luta e conquistas de espaços das mulheres na busca de sua inserção também nesta prática.

O espaço conquistado pela mulher no esporte tem um alcance apenas parcial. Segundo Ferreira, Salles, Mourão & Moreno (2013) os homens ainda tem maior representatividade a frente das equipes esportivas e quanto mais se aproximam das equipes de representação maior a presença masculina.

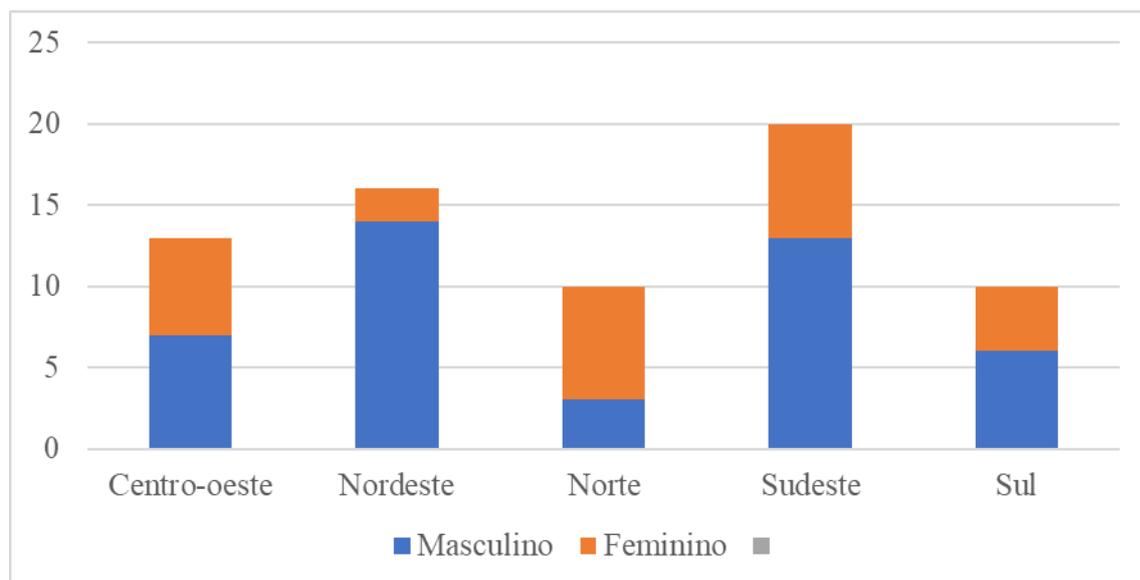
Ferreira, Salles & Mourão (2015) apontam que no país, as mulheres estão presentes em apenas 14% dos principais órgãos esportivos e somente 7% das federações esportivas têm uma mulher na presidência.

Estudos de Pfister (2004) e Pinto (2009) apontam a necessidade de se discutir a pequena presença de mulheres em posições de liderança dentro do esporte com o intuito de

diminuir esse quadro de desigualdade. No entanto, existem poucos estudos na produção acadêmica no Brasil sobre o tema, que precisa ser amplamente discutido e explorado.

No Gráfico 1 verifica-se a presença predominante do sexo masculino a frente das equipes esportivas nas diferentes regiões do país corroborando com o estudo de Ferreira, Salles, Mourão & Moreno (2013) com exceção da região Norte que tem prevalência do sexo feminino.

Gráfico 1. Distribuição do gênero por região.



Fonte: Autores

A prevalência da quantidade de mulheres na região norte pode estar diretamente relacionada a iniciação esportiva que pode ser observado no Gráfico 1, onde a região Norte apresenta baixa carga horária de treinamento. Aponta o trabalho de Souza (2002), que em relação ao cargo de técnica esportiva, as mulheres geralmente atuam nas categorias de base e pode ser esse o fenômeno que acontece nessa região.

Na Tabela 2, observa-se que os professores se situam, preponderantemente, na faixa etária com mais de 40 anos de idade.

Tabela 2. Faixa etária dos professores.

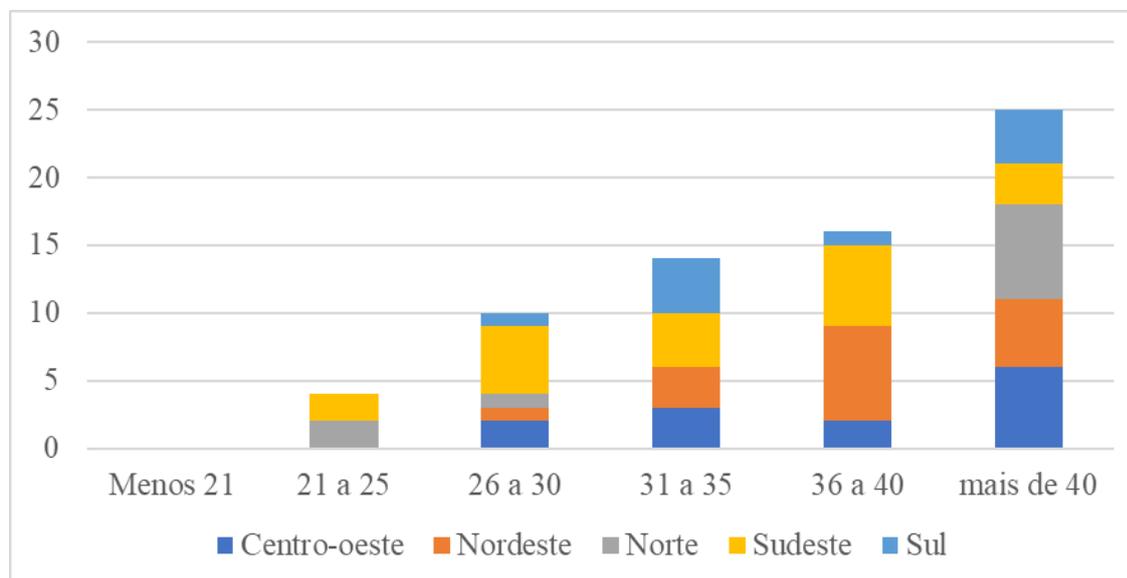
Menos 21 anos	21 a 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	36 a 40 anos	Mais de 40 anos
0%	5,7%	14,5%	20,3%	23,2%	36,3%

Fonte: Autores.

Observa-se de forma uniforme a crescente presença de profissionais de educação física quando se muda de uma faixa etária para outra. Dessa forma, quanto maior for a faixa etária maior a presença de professores.

No Gráfico 2 se observa a não existência de profissionais entre 21 a 25 anos nas regiões: Centro-oeste, Nordeste e Sul. Para Henrique, Ferreira, Januário & Souza Neto (2018), a presença de profissionais jovens é extremamente importante na perspectiva de olhar para a prática como lugar de formação e produção de saberes, assim ampliar a participação de jovens é importante para a manutenção do trabalho ao longo prazo e o desenvolvimento de novos trabalhos de pesquisa e estudo.

Gráfico 2. Faixa etária por região.



Fonte: Autores.

Nas regiões Centro-oeste, Norte e Sul a predominância de professores com mais de 40 anos e nas regiões Nordeste e Sudeste a predominância na faixa etária de 36 a 40 anos.

Ter profissionais com faixa etária maior pode estar relacionado ao processo de consolidação do esporte paralímpico no Brasil, que acontece após os Jogos Paralímpico de

Beijim em 2008, quando o país obteve os melhores resultados gerando desenvolvimento e reconhecimento, tanto público como governamental.

Na Tabela 3 encontramos que 52,2% dos professores tem mais de 10 anos de formação. Certamente, presenciaram o crescimento do esporte paralímpico no Brasil e a grande dificuldade de formação inicial na área.

Tabela 3. Tempo de formação em educação física.

Menos de 1 ano	Entre 1 e 5 anos	Entre 6 e 10 anos	Mais de 10 anos
4,3%	14,5%	29%	52,2%

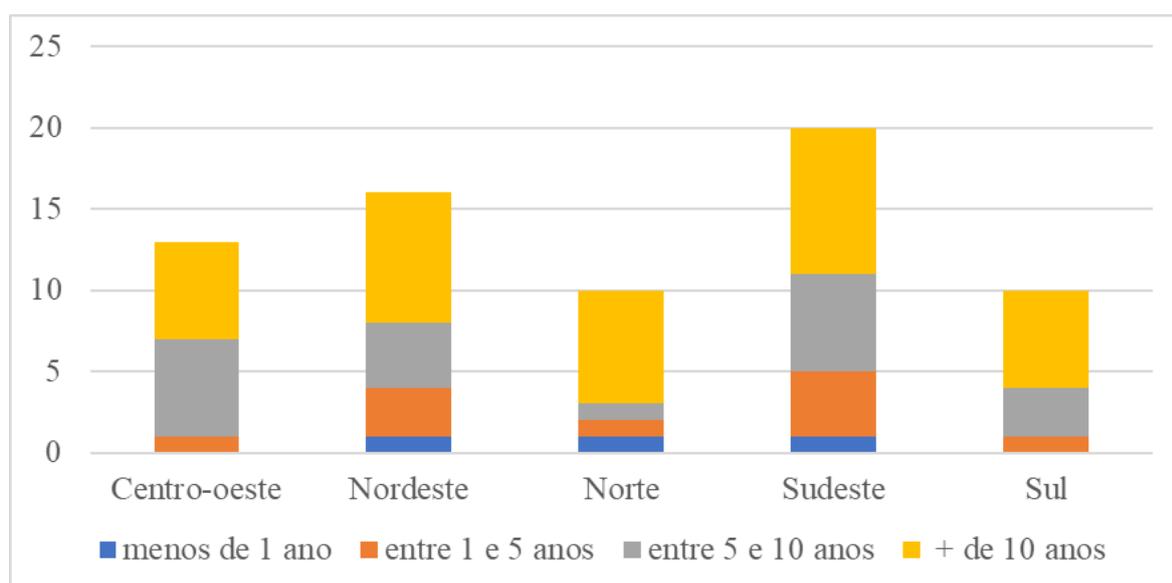
Fonte: Autores.

Segundo Ribeiro & Araújo (2004), as mudanças curriculares nos cursos superiores de educação física, acontecem a partir de 1992 e contribuíram para melhorar e ampliar o atendimento as pessoas com deficiência como resultado de um movimento social mais amplo.

Contudo, a quantidade de disciplinas oferecidas nos cursos de que atende à demanda da educação física adaptada ou inclusiva ainda é muito restrita e, necessita de estimulação à pesquisa e aos estudos teóricos no processo da formação continuada.

No Gráfico 3 verifica-se que em todas as regiões os profissionais de educação física têm mais de 10 anos de formação.

Gráfico 3. Tempo de formação profissional por região.



Fonte: Autores.

Com o aumento do número de clubes pelo país, se tornou necessário a presença de um profissional qualificado para trabalhar com a iniciação esportiva das pessoas com deficiência. Para Ribeiro & Araújo (2004), investir na formação profissional é importante para ampliar as pesquisas e discussões na construção deste atleta.

A Tabela 4 aponta que a 53,6% dos professores que trabalham com a bocha paralímpica fizeram especialização. Contudo, o número de mestres e doutores ainda é muito pequena o que reverbera nas poucas pesquisas realizadas no Brasil sobre a modalidade.

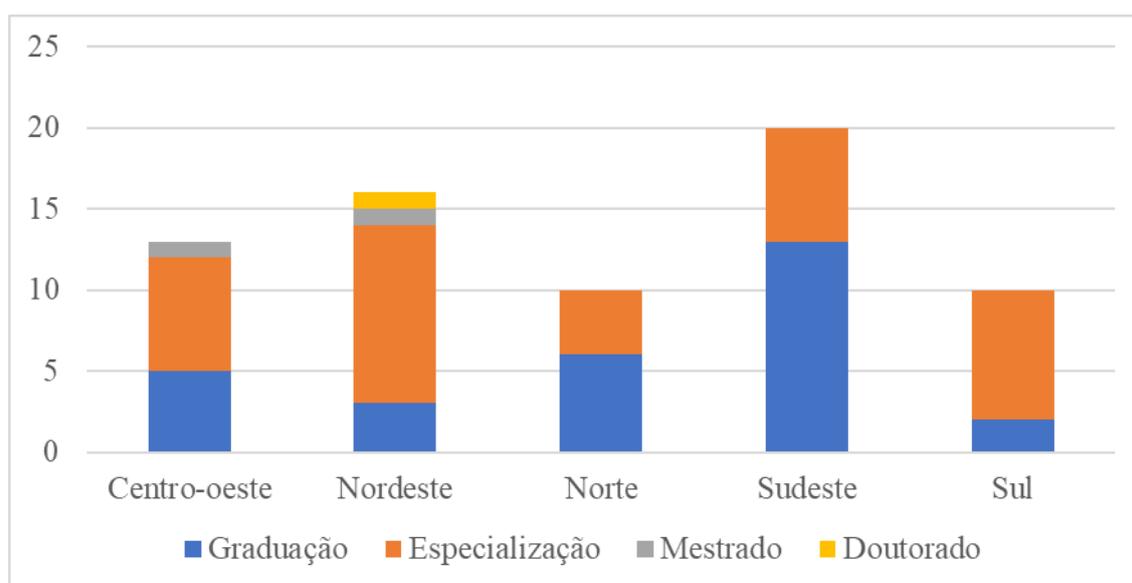
Tabela 4. Nível da formação acadêmica.

Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado
42%	53,6%	2,9%	1,5%

Fonte: Autores.

Verifica-se no Gráfico 4 a presença de um único professor Doutor que está localizado na região Nordeste. A presença de mestres e doutores pode favorecer a um crescimento no número de pesquisas, da produção intelectual em forma de artigos, livros, seminários e outros eventos científicos, trazendo a construção do saber científico para interpretação de dados e a utilização de ferramentas e tecnologias para o desenvolvimento do esporte paralímpico.

Gráfico 4. Nível da formação acadêmica por região.



Fonte: Autores.

Ainda de acordo com o Gráfico 4 observa-se na região Sudeste e Norte a predominância de profissionais com graduação e nas regiões Centro-oeste, Nordeste e Sul a de professores especialistas. Dessa maneira, investir na capacitação técnica, na formação continuada e acadêmica deve ser um caminho trilhado pelos profissionais de educação física para que possamos ter no futuro, técnicos que realizam pesquisas e não apenas treinam seus atletas.

A Tabela 5 demonstra que 42% dos professores tem experiência de 01 a 05 anos com a modalidade.

Tabela 5. Tempo de experiência com a modalidade.

Menos de 1 ano	Entre 1 e 5 anos	Entre 6 e 10 anos	Mais de 10 anos
11,6%	42%	21,7%	24,7%

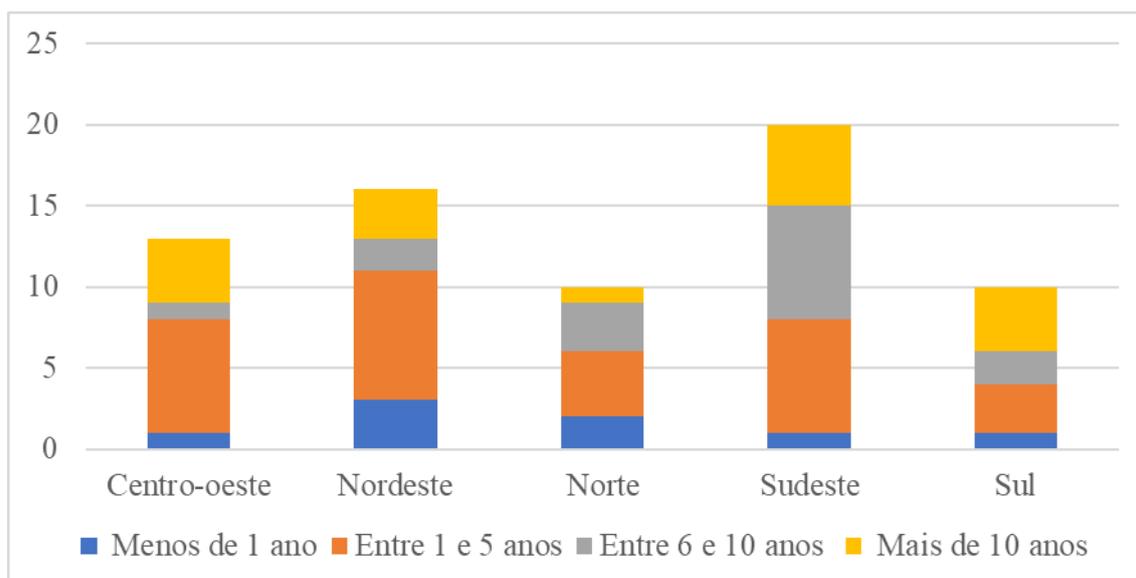
Fonte: Autores.

Segundo Dantas (2019) a bocha paralímpica começa a ser desenvolvida no Brasil em 1995 depois dos I Jogos Paradesportivos de Paralisados Cerebrais realizado em Mar Del Plata, na Argentina. Em 1996, a ANDE lança o Projeto “*Boccia para portadores de paralisia cerebral severa*” em Curitiba/PR (Vieira & Campeão, 2012; Herbst, Mascarenhas & Slonski, 2013; Dantas, 2019).

Muitos desses profissionais que participaram do projeto da ANDE ainda desenvolvem as atividades com bocha paralímpica e estão representados dentro dos 24,7% dos professores com mais de 10 anos de experiência com a modalidade.

O Gráfico 5 aponta as regiões Sudeste e Sul com a predominância de professores com mais de dez anos de experiência e as regiões Centro-oeste, Nordeste e Norte com a maioria de professores com experiências ente um e cinco anos mais prevalentes. Registra ainda um número significativo de profissionais com mais de dez anos de experiencia com bocha paralímpica na região Centro-oeste.

Gráfico 5. Tempo de experiência com a modalidade por região.



Fonte: Autores.

Na cidade de Curitiba/PR em 1996, no Hotel Jaraguá foi realizado o primeiro campeonato brasileiro de bocha paralímpica e realizado um curso de formação técnica com a presença de professores de dez clubes, sendo cinco do Rio de Janeiro, dois do Paraná, um de São Paulo, um de Minas e um do Mato Grosso do Sul (Dantas, 2019), fator que pode justificar uma presença significativa de professores com mais de dez anos de experiência nas regiões Centro-oeste, Sudeste e Sul.

Na Tabela 6 verifica-se que a 33,4% dos professores tem até três horas como frequência de treino semanal e que apenas 21,6% tem frequência de treino maior que doze horas semanais.

Tabela 6. Frequência de treino por semana.

Até 3 horas	Entre 4 e 8 horas	Entre 9 e 12 horas	Mais de 12 horas
33,4%	29%	16%	21,6%

Fonte: Autores.

Observa-se ainda que as frequências de treino com mais de nove horas representam apenas 37,6%. A qualidade de formação dos atletas está relacionada a uma boa periodização e consequentemente a carga de treino.

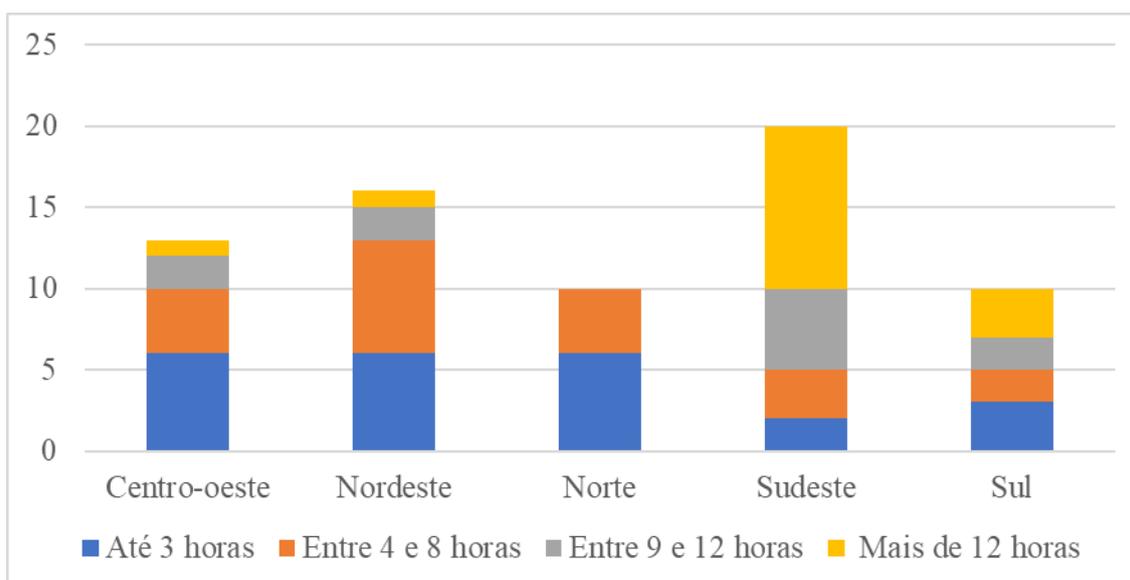
Para de Faria, Campos, Toledo, Miranda, Vianna & Bara Filho (2020), a importância de uma periodização bem planejada e bem executada, é amplamente difundido na literatura

científica e entre os profissionais do esporte, sendo um dos fatores determinantes para atingir um bom desempenho esportivo. A quantidade ou a carga de treino deve ser considerada para que se possa atingir a melhor performance do atleta.

Assim, organizar, planejar e estruturar o período da preparação desportiva são fundamentais na execução de qualquer tipo de trabalho, não só em temporadas competitivas, mas em todo o processo de formação do jovem praticante. Entendendo essa preparação desportiva como todos os fatores relacionados ao melhor desempenho para a modalidade esportiva. (Borin, Gomes & dos Santos Leite, 2007).

Observa-se no Gráfico 06 que a região Sudeste apresenta os atletas com a maior carga de treino semanal, fator que pode contribuir para que os mesmos alcancem bons resultados nas competições da ANDE.

Gráfico 6. Frequência de treino por semana na região.



Fonte: Autores.

As regiões Centro-oeste, Nordeste e Norte apresentam valores significativos para frequência de treino de até três horas, situação que deve ser avaliada pelos clubes e associações para que os resultados dos atletas possam ser otimizados. Quanto maior for a carga de treino semanal maiores serão as possibilidades de êxito nas competições.

Na Tabela 7 percebe-se a presença marcante de professores que desenvolvem suas atividades em clubes e associações de forma voluntária com 40,6% da amostra do estudo.

Segundo Cavalcante (2013), o aumento de organizações sociais como ongs e associações é resultado dos grandes problemas sociais que não são atendidas de forma plena

pelo Estado. Em uma sociedade revestida dos princípios capitalistas a presença de desigualdades motiva a realização do trabalho voluntário que tem como característica o vínculo entre indivíduo e atividade.

Tabela 7. Caracterização do trabalho desenvolvido com a modalidade.

Contratado	Cedido	Voluntário
31,9%	27,5%	40,6%

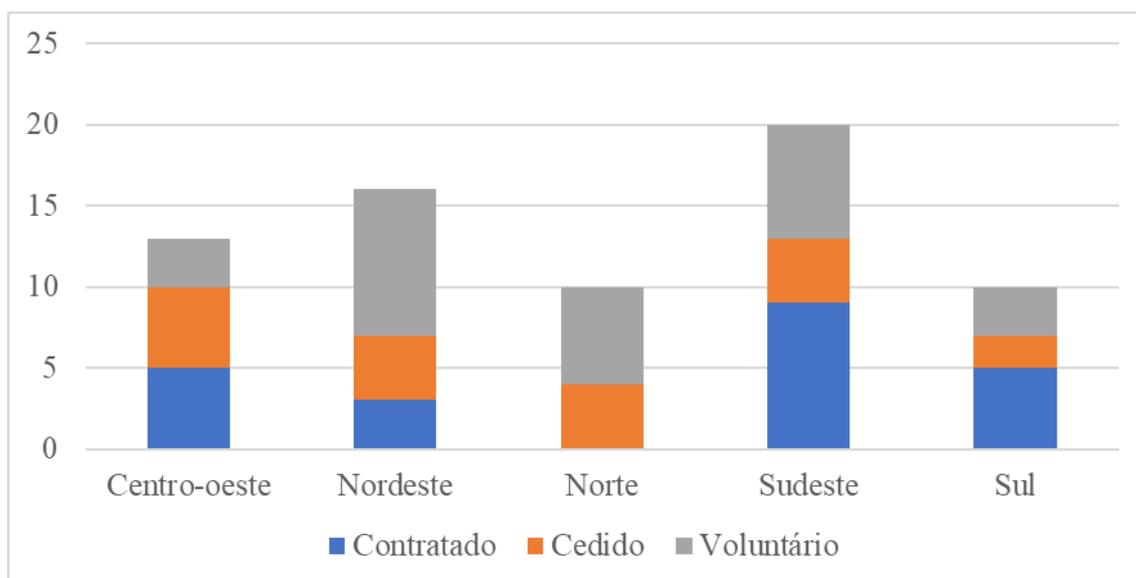
Fonte: Autores.

De aparência simples e infantil no primeiro olhar, o jogo de bocha paralímpica vem ganhando admiradores e como consequência, voluntários, por ser um esporte complexo, rico em situações de jogo, cheio de surpresas, muito desafiador e extremamente estratégico. Acrescido a esses elementos, ainda temos o fato de ser praticado por pessoas com um quadro de disfunção motora severa, o que torna cada partida um espetáculo de superação e de plasticidade corporal (Dantas, 2019).

O tempo destinado para o trabalho voluntário no Brasil está entre duas e três horas semanais o que inviabiliza pensar em treinamento para atletas de representação. O princípio da integração e mais especificamente o da inclusão têm sido o eixo de muitos profissionais que iniciam o trabalho com bocha paralímpica. No entanto, é necessário construir uma discussão de bocha enquanto instrumento de inclusão e a bocha como instrumento excludente que seleciona atletas para representar o clube, o Estado ou o Brasil nas competições. Para Silva, Marques, Pena, Molchansky, Borges, Campos, ... & Gorla (2013), embora o esporte para a pessoa com deficiência apresente efeitos positivos sobre variáveis como reabilitação e inclusão social, este não pode ser definido apenas com base nestas questões e sim como um fenômeno complexo e abrangente.

No Gráfico 7 observa-se que: a região Norte é a única onde não apresenta profissionais contratados no desenvolvimento da modalidade, fator que pode dificultar o avanço de bocha paralímpica.

Gráfico 7. Caracterização do trabalho desenvolvido com a modalidade por região.



Fonte: Autores.

O Sudeste além de apresentar a maior predominância de profissionais contratados para trabalhar com a modalidade apresenta número significativo de professores voluntários. Segundo Cavalcante (2013), só o Estado de São Paulo é responsável por mais da metade do voluntariado brasileiro e que os principais motivos que levam as pessoas ao voluntariado estão o altruísmo e a possibilidade de se envolverem em projetos sociais.

Um fato interessante é o processo de profissionalização dos professores envolvidos com o esporte para a pessoa com deficiência que pode ser observado com a presença muito forte na região Sudeste, de forma evidente nas regiões Centro-oeste e Sul, de forma tímida na região Nordeste.

Para Haiachi, Cardoso, Reppold & Gaya (2016), os jogos paralímpicos do Rio 2016 trouxeram a possibilidade do atleta com deficiência ter uma carreira profissional. Com a ampliação de incentivos financeiros públicos e privados foi possível dedicação exclusiva aos treinamentos.

Sendo assim, o atleta profissional passou a necessitar de melhores estruturas de treinamento e de profissionais que pudessem atender a princípio a disponibilidade de estar presente ao seu programa de treino.

Agora na condição de atleta profissional, a necessidade de técnicos mais qualificados para programar o treino, realizar medidas e avaliações se torna cada vez mais necessário e o caminho a ser seguido o por clubes e associações é a contratação cada vez maior desses profissionais.

A Tabela 8 apresenta o domínio auto declarado dos professores em relação a classificação esportiva de bocha paralímpica. Neste estudo, 62,3% declararam ter pouco domínio sobre os processos da classificação.

Tabela 8. Conhecimento sobre classificação esportiva.

Pouco Domínio	Domínio moderado	Bom Domínio
62,3%	23,2%	14,5%

Fonte: Autores.

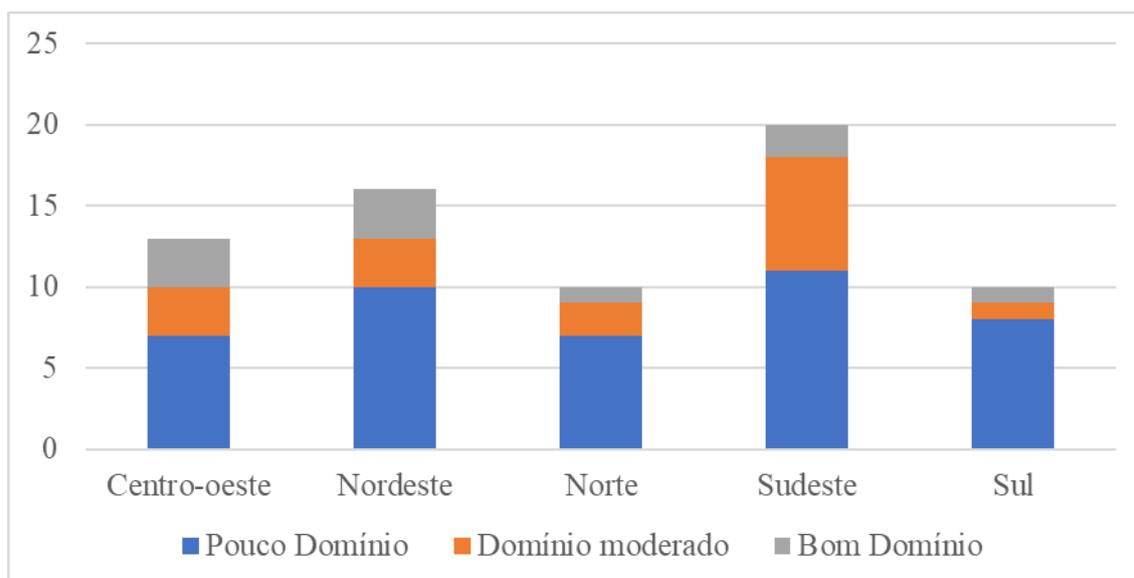
A classificação é um procedimento básico no esporte paralímpico onde os atletas são classificados em classes esportivas. Em bocha paralímpica os atletas são alocados nas classes que variam de BC1 a BC5 (Nogueira & Dantas, 2019; Roldan, Barbado, Vera-Garcia, Sarabia & Reina, 2020) de acordo com os critérios mínimos de elegibilidade que avaliam o impacto que a deficiência de cada jogador tem no desempenho de suas habilidades esportivas.

A classificação é um processo contínuo com significativa importância na evolução do esporte paralímpico. Por meio dela é possível estruturar ambientes competitivos, valorizando não as limitações funcionais do indivíduo, mas sim os aspectos residuais referentes às habilidades motoras, condicionamento físico, estratégias técnicas e capacidade intelectual.

No Brasil o professor poderia ser o primeiro a avaliar um futuro esportista. O seu olhar técnico deveria ser capaz de descobrir talentos e explorar as potencialidades adormecidas após uma lesão ou progressão de uma doença severa. E ter conhecimento de classificação esportiva é evitar surpresas após o atleta passar por uma banca de classificação, além de poder formar uma boa equipe para competição.

Contudo, como apresentado no Gráfico 8, em todas as regiões do país os professores se autodeclararam ter pouco conhecimento sobre a classificação esportiva.

Gráfico 8. Conhecimento por região sobre classificação esportiva.



Fonte: Autores.

É importante que os técnicos sejam cada vez mais capacitados, a partir de cursos de classificação oferecidos através da ANDE ou da Academia Paralímpica Brasileira, que favorece para que eles se tornem mais participativos no crescimento do sistema de classificação. Estes profissionais são fundamentais no desenvolvimento do esporte para pessoa com deficiência, estudando, treinando e avaliando e para formarem suas equipes e assim, grandes eventos possam acontecer!

Para Nogueira & Dantas (2019), além de conhecer bem o atleta, é importante que o técnico tenha conhecimento sobre a modalidade referente às suas regras, tanto de classificação quanto de arbitragem. Isso implica em melhor estruturação da equipe, em melhorias referente à administração de gastos e conseqüentemente faz com que os eventos ocorram bem.

Na Tabela 9 apresenta que 60,9% dos professores se autodeclararam ter bom domínio sobre as regras da modalidade e 20,3% afirmam ter pouco domínio.

Tabela 9. Conhecimento das regras da modalidade.

Pouco Domínio	Domínio moderado	Bom Domínio
20,3%	18,8%	60,9%

Fonte: Autores.

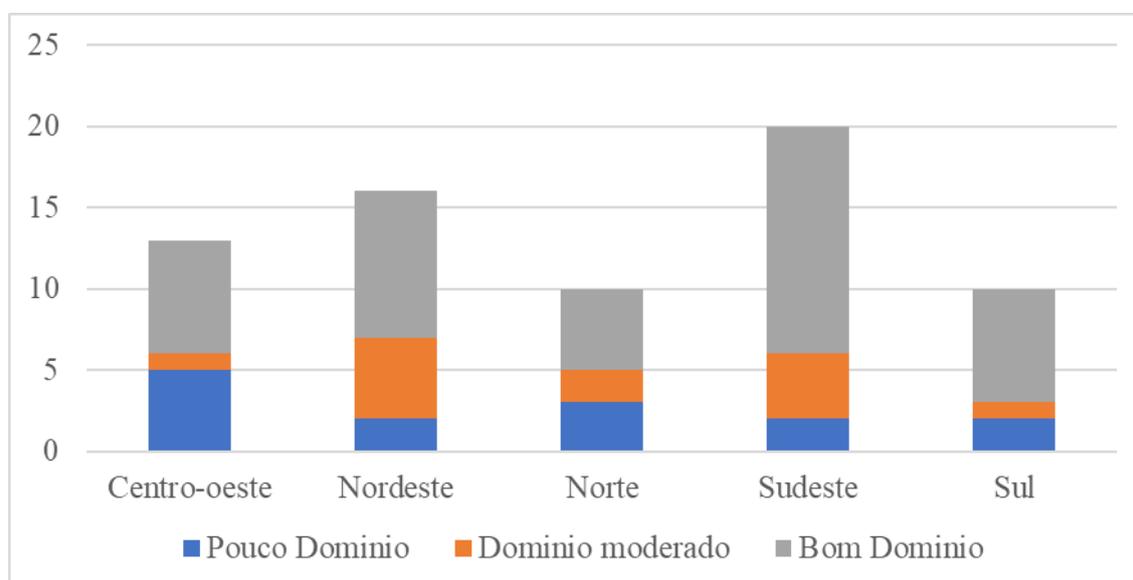
O pouco domínio sobre as regras da modalidade pode simplificar as ações e responsabilidades dos atletas dentro de quadra, fator que diminui em excesso as chances de

sucesso que segundo Galatti, Ferreira, da Silva & Paes (2008), pode desmotivar a permanência do aluno no esporte.

Ter domínio das regras é algo essencial também para o atleta, já que é apenas ele que durante a realização dos jogos tem autonomia de questionar qualquer ação da arbitragem, além de solicitar em quadra a presença do delegado técnico ou até mesmo não concordar com o resultado apresentado pelo arbitro. Dessa forma, o conhecimento do atleta pode ser reflexo do conhecimento do técnico aprendido durante as sessões de treinamento.

No Gráfico 9 observa-se que a região Centro-oeste tem a maior predominância de professores com pouco domínio sobre as regras da modalidade. Dessa maneira, pode se investir em cursos de arbitragem para os profissionais das regiões.

Gráfico 9. Conhecimento sobre as regras da modalidade por região.



Fonte: Autores.

A região Sudeste apresenta a maior prevalência de professores com bom domínio sobre as regras de bocha paralímpica que pode ser justificado por terem a maior quantidade de técnicos contratados e cedidos para trabalharem diretamente com a modalidade, além de ter as maiores frequências de treinos semanais.

Dominar os processos de classificação e as regras da modalidade deveriam ser elementos básicos de todos os profissionais que desejam avançar no trabalho com a bocha paralímpica em nível competitivo.

Outro fator importante no desenvolvimento do atleta com deficiência é o processo de medidas e avaliações que eles são submetidos. A Tabela 10 aponta que 50,8% dos professores não realizam avaliações com seus atletas, fator que dificulta a escolha das melhores

estratégias para definir o planejamento a fim de prescrever carga de treino, período de descanso e periodização do treinamento.

Tabela 10. Medidas e avaliação em bocha paralímpica.

Não faz avaliação	Utiliza testes validados para pessoas típicas	Cria teste
50,8%	26,1%	23,1%

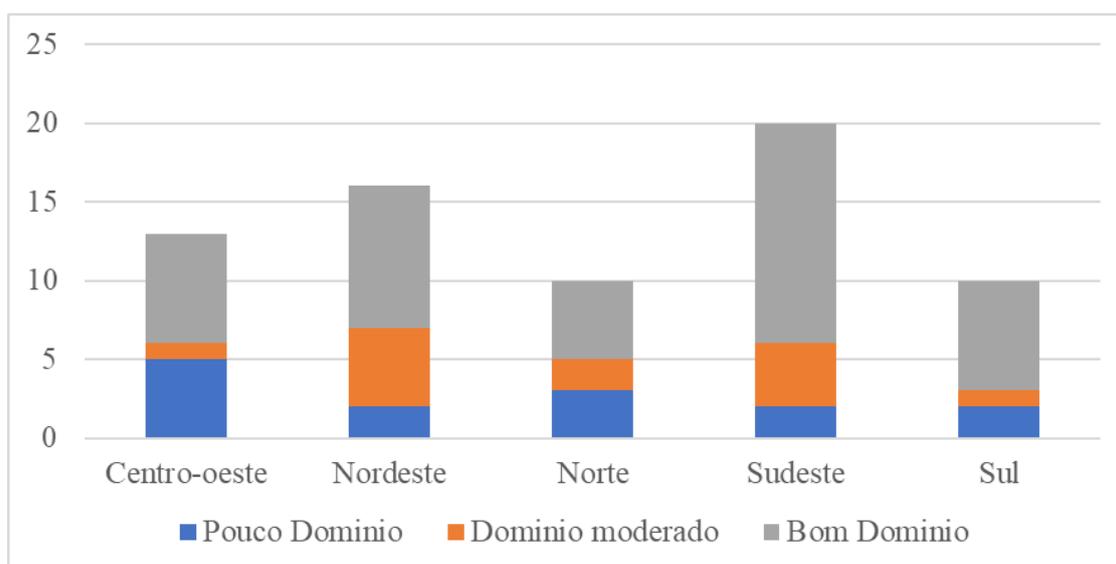
Fonte: Autores.

A avaliação tem um papel importante no esporte para a pessoa com deficiência, quando verifica em vários aspectos o comportamento motor de um indivíduo, dando informações essenciais ao professor para identificar melhores estratégias a serem aplicadas ao treinamento.

Além disso, segundo Silva, Marques, Pena, Molchansky, Borges, Campos, ... & Gorla (2013), entender o atleta como um todo que responde ao treinamento de forma biológica e psicológica o que se pode ampliar a discussão da avaliação e torná-lo ainda mais abrangente e efetivo.

O Gráfico 10 demonstra por região a utilização de avaliações com os atletas de bocha paralímpica. As regiões Centro-oeste, Nordeste e Norte são as que menos avaliam fator que pode estar relacionado a menor quantidade de horas de treino por semana como pode ser visualizado no Gráfico 6.

Gráfico 10. Medidas e avaliação em bocha paralímpica por região.



Fonte: Autores.

Em todas as regiões existem números significativos de professores que não realizam avaliações em seus atletas fator que deve ser analisado por clubes e associações que buscam equipes competitivas. É importante ressaltar que o treinamento sem a presença de avaliações constante pode ser responsável pelo resultado fracassado durante uma competição importante, já que o professor não tem elementos que deve dar condições de balizar por onde deveria caminhar suas decisões na programação dos treinamentos.

4. Conclusões

O perfil dos professores de bocha paralímpica aponta para um grupo que necessita ampliar a discussão no processo de formação acadêmica e técnica. É importante que clube e associações em parceria com a ANDE possam criar estratégias para promover formações de arbitragem, classificação esportiva e dos processos de medidas e avaliação no esporte para a pessoa com deficiência.

Faz-se necessário também se discutir o processo de profissionalização dos técnicos de bocha paralímpica. A profissionalização dos atletas é um fenômeno presente no cenário esportivo para a pessoa com deficiência, mas os avanços podem se tornar ainda mais significativos se as pessoas que estão por trás dos atletas também passem por esse processo.

Sugerimos a criação de cursos para os técnicos de bocha paralímpica chancelados pela ANDE e Academia Paralímpica Brasileira para que tenhamos uma estratificação destes técnicos por níveis. Assim, estimulando os professores a se envolverem com a pesquisa e com o conhecimento básico para a formação técnica como conhecimento de estratégia, técnica, avaliação, análise de dados, regras da modalidade e classificação esportiva.

Contudo, lembramos que os resultados aqui apresentados não trazem a realidade efetiva de todos os técnicos de bocha do Brasil, mas traz uma fotografia muito próxima da realidade, já que temos uma amostra muito significativa dos técnicos que trabalham com a modalidade.

Por fim, torna-se interessante que outras pesquisas sejam realizadas com o olhar nos técnicos envolvidos com o movimento paralímpico no país.

Referências

Borin, JP, Gomes, AC & Santos Leite, G. (2007). Preparação desportiva: aspectos do controle da carga de treinamento nos jogos coletivos. *Journal of Physical Education*, 18(1), 97-105.

Cavalcante, CE. (2013). Motivação no trabalho voluntário: delineamento de estudos no Brasil. *Estudos do CEPE*, 161-182.

Dantas, MJB. (2019). História da bocha paralímpica no Brasil. Em M. J. B. Dantas, T. L. F. S. Dantas, C. D. Nogueira & J. I. Gorla (Ed.), *Bocha paralímpica: história, iniciação e avaliação* (pp. 13 - 24). Curitiba, PR: CRV.

Faria, BSH, Campos, YDAC, Toledo, H, Miranda, R, Vianna, JM & Bara Filho, MG. (2020). Comparação da carga de treinamento de atletas profissionais entre modos de treinos específicos do voleibol e de força. *Journal of Physical Education*, 31(1).

Ferreira, HJ, Salles, JGDC & Mourão, L. (2015). Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. *Revista da Educação Física/UEM*, 26(1), 21-29.

Ferreira, HJ, Salles, JGC, Mourão, L & Moreno, A. (2013). A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Movimento*, 19(3), 103-124.

Figueiredo, TH. (2014). Gênero e Deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 11(2), 484-497.

Galatti, LR, Ferreira, HB, Silva, YPG & Paes, RR. (2008). Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. *Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde*, 6, 397-408.

Haiachi, MDC, Cardoso, VD, Reppold Filho, AR & Gaya, ACA. (2016). Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21, 2999-3006.

Henrique, J, Ferreira, JDS, Januário, C & Souza Neto, SD. (2018). Autopercepção de competências profissionais de professores de educação física iniciantes e experientes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 40(4), 388-396.

Herbst, DM, Mascarenhas, LP & Slonski, EC. (2013). A história do bocha paralímpico no Brasil e sua evolução como esporte de alto rendimento. *Fiep Bulletin*.

Marin, EC, Silva Souza, M, Ribeiro, GM & Baptaglin, LA. (2010). Educação Física no contexto rural: perfil dos professores e prática pedagógica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 31(2).

Nogueira, CD & Dantas, TLFS. (2019). Em: Dantas, MJB, Dantas TLFS, Nogueira, CD & Gorla, JI. *Classificação funcional* (pp. 39 - 60). Curitiba, PR: CRV.

Pereira, AS, Shitsuka, DM, Parreira, FS & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Acesso em: 19 maio 2020.

Disponível em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Pinto, C. (2009). Mulheres e desporto: caracterização da participação na direcção das federações olímpicas portuguesas.

Pfister, G. (2004). As mulheres e os Jogos Olímpicos: 1900-97. *Drinkwater Bárbara L. Mulheres no esporte. Enciclopédia de Medicina do Esporte—Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional em colaboração com a Confederação Internacional de Medicina do Esporte, VIII volume, Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.*

Ribeiro, SM & de Araújo, PF. (2004). A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 25(3).

Roldan, A, Barbado, D, Vera-Garcia, FJ, Sarabia, JM & Reina, R. (2020). Inter-Rater Reliability, Concurrent Validity and Sensitivity of Current Methods to Assess Trunk Function in Boccia Player with Cerebral Palsy. *Brain Sciences*, 10(3), 130.

Souza, DOAG. (2002). *Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível*. (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

Vieira IB, Campeão MS. (2012). Bocha Paralímpica. Em Mello, MT & Winckler, C. *Esporte paralímpico* (pp. 83-91). São Paulo, SP: Atheneu.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Matheus Jancy Bezerra Dantas – 40%
Tháisa Lucas Filgueira Souza Dantas – 30%
José Irineu Gorla – 30%